

EDUCAÇÃO SEXUAL, ORIENTAÇÃO SEXUAL, EDUCAÇÃO PARA A SEXUALIDADE

Drn. Juliana Lapa Rizza*

Resumo

Diferentes são as terminologias utilizadas para um trabalho que se proponha a problematizar as questões de sexualidade e educação. Além disso, esse é um assunto polêmico, pois a escolha por um dos termos está carregada de significados produzidos em meio a conflitos teóricos.

Ao transitarmos por leituras que discutem as questões que envolvem a educação e a sexualidade, é comum encontrarmos diferentes termos sendo utilizados: ora algumas/alguns autoras/es falam em educação sexual; outras/os em orientação sexual; e outras/os ainda em educação para a sexualidade. No entanto, não paramos por aí, somente com essas três terminologias; ao longo dos anos é possível perceber inúmeras formas de nomear os trabalhos acerca da sexualidade, desenvolvidos no âmbito das escolas.

Constantina Filha, estudiosa que discute essas questões relacionadas à sexualidade e à formação inicial e continuada de professoras/es, menciona que inúmeros são os termos que vêm sendo cunhados por diferentes pesquisadoras/es.

E acredito que vocês leitoras/es poderiam citar outras tantas terminologias utilizadas para significar um trabalho que vise discutir as temáticas de sexualidade e educação.

Dentre os diferentes termos mencionados, aqui enfocamos três deles: dois que ganharam mais destaque ao longo dos anos, a educação sexual e a orientação sexual; e um termo que o Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE – tem utilizado em suas ações.

A escolha por utilizar um desses termos não é simples, pois cada terminologia está carregada de significados, ou seja, elas emergem em meio a conflitos e tensões conceituais.

*Doutoranda do PPG Educação Ambiental (FURG)

Nesse sentido, a escolha por uma delas vai expressar também nossos entendimentos acerca das discussões que envolvem a educação e a sexualidade, pois à linguagem produz sentidos e constitui as formas de compreendermos o mundo a nossa volta.

Ao trazer essa discussão, não tenho a pretensão de estabelecer o uso de uma única terminologia para nomear um trabalho que problematize a educação e a sexualidade. A proposta é que possamos pensar acerca desses termos, colocando-os sob suspeita, não para chegarmos a respostas ou verdades absolutas, mas, sim, provisórias. Mobilizar o pensamento é desestabilizar, provocar, desacomodar, refletir, questionar... Então, faço o convite: Vamos suspeitar das nossas certezas e duvidar das nossas verdades, a fim de pensar outras possibilidades para nomearmos as discussões sobre sexualidade na instituição escolar?

Bem, se você continuou a leitura, é porque aceitou o convite e sentiu-se desafiada/o a pensar acerca do assunto em discussão nessa matéria. Sendo assim vamos inquietar nossos entendimentos...

Dentre diferentes terminologias utilizadas, a educação sexual apresenta-se como a mais fortemente difundida, chegando a outros países, como Portugal e Espanha, que também adotam essa expressão para nomear um trabalho de educação e sexualidade nas escolas. No entanto, o termo educação sexual foi sofrendo alguns desgastes conceituais, por estar vinculado diretamente à práticas com enfoque biológico, higienista, moralista e até mesmo dessexualizado, ao utilizar uma linguagem didática que visava explicar as doenças sexualmente transmissíveis, gravidez, entre outros cuidados com o corpo que algumas vezes apresentavam-se como essencialistas e universalizantes.

Já na década de 90, emerge a terminologia orientação sexual juntamente com a política pública instituída pelo Ministério da Educação – MEC, o Parâmetro Curricular Nacional – PCN –, no qual, em um de seus eixos transversais, está a temática da sexualidade nomeada como orientação sexual. Esse documento legal passa a ganhar legitimidade e destaque perante o termo educação sexual, utilizado anteriormente.

O termo orientação sexual refere-se também ao desejo afetivo e sexual que os sujeitos sentem um pelo outro, à heterossexualidade, à homossexualidade e à bissexualidade. Algumas/alguns estudiosas/os optam por não utilizar esse termo, pois o mesmo pode causar algumas confusões conceituais; contudo, o movimento LGBT – lésbicas, gays, bissexuais e transexuais – tem se utilizado fortemente dessa terminologia; orientação sexual.

Ao desenvolver um trabalho na escola acerca da sexualidade, é importante pensarmos no termo que utilizamos para nomear essa proposta, ou seja, a utilização dos adjetivos, conjunções e artigos, para então construir uma terminologia para discussões que abordem a educação sexual e a sexualidade. É possível educar a sexualidade? Ao produzir e instituir uma nomenclatura, não estaríamos buscando educar a sexualidade dos sujeitos? Ou, ainda, não estaríamos buscando educar visando a produção e vivência de uma sexualidade “normal”, a heterossexualidade?

Essas provocações, mais uma vez remetem-nos à noção da linguagem, à utilização de uma terminologia, vai determinar nossas práticas pedagógicas, pois elas são produzidas em meio a disputas por significação, seja no âmbito de políticas públicas, como foi o PCN, que legitimou a utilização do termo orientação sexual, sejam as demais nomenclaturas que vão produzindo significados a respeito da sexualidade e da educação.

Outra terminologia utilizada é a educação para a sexualidade. Esse termo questiona e duvida das certezas, dos discursos considerados “verdadeiros”, únicos e legítimos, entendendo que há uma multiplicidade de formas de se trabalhar com a sexualidade na escola. Nesse sentido a educação para a sexualidade visa problematizar e desconstruir os modelos hegemônicos e naturalizados de se compreender e viver a sexualidade, entendendo que os discursos que falam sobre a sexualidade são construções sociais, históricas e culturais e que essa teia discursiva produz os sujeitos.

A educação para a sexualidade visa a problematizar os discursos naturalizados no âmbito da cultura, questionando as certezas, permitindo, assim, outras possibilidades de pensar a sexualidade e de compreender como nos constituímos através de relações de saber e poder. Articula questões que envolvem a materialidade biológica dos sujeitos a aspectos sociais, históricos e culturais como, por exemplo, desejo, prazer, curiosidade, respeito, conhecimento de si e do outro, relações de gênero, entre outros.

Em suas ações e pesquisas, o GESE tem se utilizado desse termo, educação para a sexualidade, por entender que ele possibilita um olhar mais amplo para as temáticas que envolvem a sexualidade.

Vale ressaltar que, embora não tivesse a pretensão de fixar um significado, considere importante apresentar o que estamos entendendo por um trabalho que discuta educação para a sexualidade no âmbito da escola. Além disso, não é possível fixar um significado, pois em seguida outros virão colocando assim sob suspeita nossas certezas anteriores.

Tanto a educação quanto a sexualidade são construções sociais, históricas e culturais e, portanto, estão constantemente sofrendo outras produções/modificações, fixando alguns significados e excluindo outros. Sendo assim, ao trazer à tona essa discussão acerca das diferentes terminologias, tentei possibilitar que pudéssemos pensar acerca da importância da linguagem na produção de sentidos/ significados sobre a sexualidade e a educação.